

NESTOR LIMA

(Do Instituto Historico)

TRADIÇÕES E GLORIA

DE

MOSSORÓ

(Trabalho lido em so-
lene comemoração de
30 de Setembro de
1936, na cidade de
Mossoró)



TIP. «S. ANTONIO»

1938



NESTOR LIMA

(Do Instituto Historico)

TRADIÇÕES E GLORIA

— DE —

MOSSORÓ

(Trabalho lido em so-
lene comemoração de
30 de Setembro de
1936, na cidade de
Mossoró)



TIP. «S. ANTONIO»

1938



A' ilustre Comissão
promotora das fes-
tas civicas de 30
de Setembro de
1936.

O. D. C.

(Separata da «Revista» do Instituto Historico,
vol. XXXII - XXXIV, devidamente autorizada).



Tradições e gloria de Mossoró

(A proposito do dia 30
de setembro de 1883)

I — Não sei si é ousadia, ou si é temeridade, vir de tão longe, perante uma assistencia assim tão distincta e selecta, falar a Mossoró de suas tradições e da sua gloria.

Certo, deixarei de parecer ousado, ou temerario, si souberdes que tenho razões emotivas e causas de ordem mental, que me trouxeram até este brilhante recinto, para exaltar os feitos dos antepassados e contribuir, embora sem fulgor, para que se não apaguem da memoria dos conterraneos e porvindouros o acontecimento inegalavel, que, hoje, commemoramos, no termo dos 53 annos volvidos.

Porque tenho, ha quase dez annos, as responsabilidades da direcção do Instituto Historico e Geographico; porque me dedico e me devoto aos assumptos da historia municipal, de vez que outros curam de histori. do Estado,

porque estou preso pela herança directa do sangue aos fundadores da Cidade, que generosamente ora nos abriga, é que eu não poderia furtar-me, de maneira alguma, ao convite da nobre Commissão promotora destas solennidades, para conferir convosco, no instante que festejamos, idéas e sentimentos que a todos empolgam e comovem.

E a honra é tão insigne e a alegria de recebê-la é tão desvanecedora que lembram o bello verso camoneano:

«Mais vale merecê-las, sem as ter,
Que possuí-las, sem as merecer».

Antes de enveredar pelas desvãos das éras afastadas e das chronicas de antanho, é conveniente que eu afirme, por parte do Instituto Historio e Geographico, o seu sincero applauso e e a sua cordeal animação ao movimento que representa esta brilhante commemoração. Desvanece-se o velho sodalicio historico ao saber da iniciativa da commissão incansavel pretendendo relembrar aos que aqui vivem e trabalham, e collaboram para a prosperidade da gleba estremeçada, quanto é confortadora a tarefa e meritoria a porfia de exhumar do esquecimento e exaltar, embora diluidos pela pobreza da exposição, as figuras varonis e os perfis luminosos daquelles que, nas epocas remotas da colonização, ou nos dias inapagaveis do abolicionismo, contribuíram para as gloriosas tradições mossoroenses, realizando as mais nobres e subidas acções em pról da egualdade humana e social.

Si a incumbencia excede á capacidade do narrador e desagrada ouvidos menos curiosos dessas informações, convem que fique, desde logo, assentado, ser a culpa dos que me impuzeram o excessivo onus e não de quem apenas

se curvou ante o ineluctavel imperativo, resultante da immerecida confiança.

E', por conseguinte, da historia local, è das chronicas de tempos volvidos, è das campanhas civicas, ha mais de meio seculo comprehendidas nesta terra progressista, que pretende occupar-se, nesta hora de alta significação patriotica, o humilimo chronista dos fastos municipaes.

II—Vem de longe, de muito longe mesmo, a paixão pela causa da Liberdade neste abençoado torrão de Mossoró.

E' verdade que, durante muitos annos, verificaram-se varios attentados criminosos, que muito prejudicavam o logar.

Assim, sob as vistas da facção liberal (*dita sulista*) foram presas Candida e tres filhos, nascidos livres, afim de serem vendidos como escravos para a Capital. Pedro Rosa, outro homem livre, foi vendido como escravo. Vicente Macacheira, assassinado em «Colcôte» é enfiado numa vara, crivado de balas, e trazido assim para a Igreja.

Em 1824, um grupo de pessoas influentes no logar, a saber: João Baptista de Souza, Antonio Nogueira de Souza, Francisco dos Santos Gomes Guará e Ignacio Fernandes Casado, possuidos de grande entusiasmo, percorreram as ruas da povoação, dando «Vivas á Republica», pelo que foram presos e remettidos para Assú e dali para o Natal, onde foram postos em liberdade.

Era, portanto, nesse ambiente saturado de sangue e theatro de tropelias, que teve de vir pastorear o primeiro vigario coliado em Mossoró, que fôra elevada á categoria de freguezia, pela resolução provincial de 27 de outubro de 1842. O padre Antonio Joaquim Rodrigues poude empossar-se da sua matriz, em 1844, em acto solenne, assistido pelos padres José

Antonio Lopes da Silveira, Francisco Longino Guilherme de Mello, Leonardo de Freitas Costa e Florencio Gomes de Oliveira, sendo este ultimo quem conseguiu acalmar um tumulto, que visava dificultar a posse do novo vigario e rasgar a provisào que era lida na missa, dizem que por insuflação de quem se julgava com o direito de reger a nascente parochia.

A esse sacerdote venerando pode-se affirmar que a Cidade deve a sua pacificação e o seu florescimento, porque, logo que tomou conta dos destinos espirituaes da gente torturada por tantos infortunios, apprehendeu e viu fructificarem os seus esforços para dotar o logar de todos os beneficios moraes e materiaes de que era digno, ainda que carecedor.

Creado o municipio em 1852, desmembrado do de Apody, por lei de 15 de março, e eleita, em pleito renhido, a primeira Camara Municipal composta de amigos do vigario Antonio Joaquim, que colligado a João Baptista de Souza, chefe conservador, venceu em toda a linha o partido liberal, ou *sulista*, chefiado por Manoel Nogueira de Souza e Irineu Soter Caio Wanderley, foi compromissar-se perante a Camara Municipal do Assú, de que fôra civilmente desannexada a nova communa, o padre José Alexandre Freire de Carvalho, vereador mais votado, e a 24 de janeiro de 1853, foi o municipio installado com a posse dos demais vereadores, Te. Cel. Miguel Archanjo Guilherme de Mello, capitão Florencio de Medeiros Cortéz, capitão João Baptista de Souza, Francisco das Virgens, Sebastião de Freitas Costa e Luiz Carlos da Costa, que elegeram para a presidencia o padre Freire de Carvalho.

III — Dahi por deante, e sob o pallido auri-fulgente da paz, o municipio é a sua séde puderam desenvolver-se e prosperar de modo ac-

centuado. Foi comarca, pela lei 499 de 23 de maio de 1861, installada no mesmo anno pelo dr. João Quirino Rodrigues da Silva, removido de Penêdo, em Alagoas.

Cidade, por lei n. 620 de 9 de novembro de 1870, continuou a augmentar em construcções e em movimento commercial, em instrucção e em industrias, tornando-se, com a devida justiça, a mais importante Cidade do Estado.

Predios publicos e particulares de alto valor e utilidade foram levantados nesse periodo, remodelada a Matriz, construido, em 1875, o primeiro Mercado, a Camara Municipal, abriu-se a celebre «Casa Graff», vinda de Natal, por influencia do zeloso vigario, que conseguira da Assembléa provincial a resolução que isentava de impostos por treis annos a mencionada casa, apezar das preferencias do vice-presidente dr. Jeronymo Cabral Raposo da Camara, que era sympathico á installação della em Macahyba, onde já havia até casa adequada ao seu funcionamento.

Mas, á era de desassocegos e de tropelias, ao periodo sombrio das chronicas de Mossoró, succedeu uma éra de trabalho e de prosperidades, de sentimentos altruisticos e desinteressados, que se resumiram na campanha pela Abolição da Escravidão, no Brasil.

IV—Para melhor comprehende-la, conviria consultar a historia geral afim de determinar-lhe as origens e as fontes, mais tambem apontar-lhe a reacção vigorosa que, no dizer do principe dos abolicionistas patrios, Joaquim Nabuco, foi um fio dagua tenue e limpido partindo de algumas intelligencias e de alguns corações, mais tarde, tornou-se caudal, como o Niágara, e avassalou todas as consciencias e todas as vontades, para chegar ao Oceano immensuravel da Liberdade

integral e da Egualdade de todos os brasileiros, pela lei de 13 de maio de 1888.

Nos primordios da nossa existencia de paiz, apenas descoberto, a escravidão hauriu a sua vitalidade no trafico negro, no captiveiro do indigena e no ventre escravizado.

Cabral, na sua frota, já trazia escravos negros.

Martim Affonso concedeu permissão a Péro Góes para escravisar 17 indios. Si os reis D. Sebastião, D. Felipe 2º e 3º e D. Pedro 2º, de Portugal, e os papas Urbano 8º, Julio II e Paulo 5º profligavam a instituição; ella tomou, todavia, um certo incremento, pelas necessidades da colonização da jovem terra americana, e pela apologia que lhe faziam vózes oraculares da altura do padre Antonio Vieira.

O captiveiro dos indios só ficou extincto pelo decreto do Marquez de Pombal e pela bulla de Benedito XIV, em 1774.

A escravidão dos negros, que, desde 1583, fôra auctorizada, attingiu, durante treis seculos, a cerca de 100 milhões de filhos da Africa, segundo informa o Dr. Carlos Xavier Paes Barretto (*Feriados do Brasil*, vol. II, pag. 58).

Defendiam-na elementos de alto póрте mental e moral, como o bispo D. Azeredo Coutinho, e jurisconsultos, como o conselheiro Andrade Figueira.

Mas, a nação brasileira, quando tomou consciencia de si mesma, reagiu heroicamente contra a instituição, que, no direito romano, era já considerada «contraria á natureza.»

Datam ainda do seculo 17º as primeiras vozes que se levantaram em pról da raça vilipendiada.

Seja a Republica dos Palmares, que, desde 1630, sob a chefia do Zumbi, até 1679, quando

Bernardo Vieira a rechassou com as forças reaes, seja o quilombo de Mato Grosso, em 1770, seja em São José do Maranhão, sejam as *balaiadas*, tudo era signal da reacção popular contra a instituição.

No campo da infelligencia, a “Etiope Resgatada”, de Rocha, na Bahia, em 1758,—o “Correio Brasiliense”, de Londres, sob a direcção de Hypolito José da Costa Pereira, em 1808,—Velloso de Oliveira em 1810, Moniz Barretto em 1814, a Republica de 1817, que instituiu a liberdade integral, agrangendo 68.000 escravos; o quilombo do Recife, chefiado por *Malungúinho*, os projectos de Antonio Carlos e Borges de Barros, nas Côrtes Portuguezas de 1821, a Confederação do Equador, em 1824, a energia de José Bonifacio em 1825, contractando, a partir de 1830, a extinção do trafico negro, a rebellião de Pirajá, na Bahia, em 1828, e a proposta de Ferreira França para abolição total da Escravidão em 1830, constituem a prova de que o povo brasileiro não era escravocrata.

A idéa caminhava, passo a passo, mas, com segurança e firmeza. O proprio imperador Pedro II não ocultava as suas sympathias pela causa, pois que o seu reinado inscrevia em todos os programmas de governo a generosa iniciativa em prol dos escravos. Dizem até que, certa vez, instado para fazer a abolição integral, mandára adiar a proposta, porém, passára carta de liberdade a todos os seus escravos, existentes nas propriedades da Corôa.

A fala do Trono de 3 de maio de 1869 fazia promessas seguras ao elemento servil.

Das fontes internas da escravidão, ficára extinto, sob pressão da Inglaterra, em razão do *bill* Aberdeen, o trafico negreiro. Restava a outra fonte: o ventre escravo. E a acção do gabi-

nete Rio Branco, propondo e sustentando, com rara energia, o famoso projecto do "ventre livre", triumphou na lei de 28 de setembro 1871.

A piedade para com os velhos escravos inspirou o gabinete Souza Dantas, em 1883, e em seguida á fala do Throno, foi discutida e votada a lei de 28 de setembro de 1885. E como coroamento brilhante de toda a campanha, veio a "lei aurea", segundo a proposta do Ministerio conservador João Alfredo, em 9 de maio de 1888, votada em cinco dias nas duas casas do Parlamento e sancionada a 13 daquelle mez e anno, pela Princeza Imperial, na Regencia do Imperio. Refere o Conde de Affonso Celso, testemunha occular da majestosa scena, que nunca viu maior espectaculo em sua vida. «Milhares de pessoas, diz elle, invadiram o Paço. Literalmente rodeada pela multidão, a Princeza, afflicta e chorosa, em virtude das más noticias da saúde do Imperador, mal se podia mover. No momento em que empunhava a penna para a assignatura, fez-se religioso silencio. Depois uma explosão de bravos, applausos, aclamações delirantes nunca vistas. Inimigos da vespera abraçavam-se reconciliados. José do Patrocínio, fóra de si, atirou-se aos pés da Princeza, quíz beijal-os, pronunciando de joelhos commoventissimas palavras. Nabuco abriu caminho até uma janella e dahi, com sua voz poderosa, annunciou ao povo, que se atulhava no logar, onde hoje se vê a estatua de Osorio, estendendo-se em mó compacta, desde a rua direita, até o «ponto das barcas». Indescriptiveis as manifestações de regosijo que se succederam! Nunca houve nem tão cêdo haverá demonstrações de enthusiasmo assim!»

V — Volvâmos ás plagas do Norte e esbo-

ceamos as etapas da campanha libertaria, antes da sua officialização.

Veio da heroica gente visinha do Ceará a chamma redemptora, que conseguiu abraçar todos os corações.

Informa João Brígido (*Ceará—Homens e factos*, pag. 310) que, no Ceará, nos começos da segunda metade de seculo passado, já era numerosa nos partidos a «secção dos libertadores». «A loja maçónica Fraternidade Cearense», onde estava alistada a nobreza e a opulencia da Cidade, nas suas festas, alforriava, a bom preço, levadas inteiras de captivos, e nas familias maçónicas, os grandes regosijos eram solennizados com cartas de liberdade. As subscripções para alforrias formigavam».

Fez-se official o fundo de libertações, sob as vistas do presidente Diogo Velho. As sêccas de 1877 a 1879 causaram, porém, tremendo abalo na economia do norte em prôl da lavoura do sul: comprava-se escravos para as fazendas de São Paulo. O quadro era pungentissimo. Mas, o café cahiu.

E deu-se a reacção. A compaixão avassalou os espiritos forrados de boa vontade.

Foi fundada a 8 de dezembro de 1880, a «Libertadora Cearense», após a festa da «Sociedade Perseverança e Futuro» para outorgar cartas de liberdade a alguns escravos. (Carlos Xavier, «Feriados no Brasil», vol. II, pag. 382-383).

João Cordeiro, Amaral, Dias Martins, Frederico Borges, Sampaio Serpa, Rodolpho Theophilo, Guilherme Studart, (hoje, o Barão desse nome), a par dos humildes jangadeiros cearenses capitaneados por Francisco Nascimento, faziam e orientavam o movimento. Houve perseguições.

Não entrava mais escravo no Ceará. Houve

urha lei que taxava em 1.000\$000 cada escravo que ali penetrasse. Mas, a animosidade contra a escravidão era immensa: descia como uma avalanche...

Julio Cezar da Fonseca Filho, deputado provincial, propôz na Assembléa, a abolição integral da escravidão na Provincia do Ceará.

E o movimento empolgou os municipios. Acarape teve a fortuna de ser o primeiro municipio que ficou livre a 1.º de janeiro de 1883.

Ha quem conteste essa primazia, attribuindo-a ao municipio alagoano de «Entre-Montes» Parece não provada a reivindicação. Acarápe mantém a sua gloria, até no seu nome actual de Redempção.

Outros municipios seguiram-lhe o rastro luminoso, e a Provincia, afinal, viu-se inteiramente emancipada a 25 de março de 1883, sob o governo do dr. Satyro de Oliveira Dias, que tambem fora presidente, entre nós.

Da terra da luz, como foi, a esse tempo. cognominada, desceu o exemplo fecundo. Já um poeta excelso dizia que «Do norte é que vem a luz».

VI — E a luz veio... e ao seu clarão magnifico inundaram-se todas as almas livres da nossa terra.

Mossoró teve, na Provincia, a precedencia e a primazia no movimento libertador.

Chegara de Fortaleza, onde contrahira nupcias, o moço commerciante Romualdo Lopes Galvão, oriundo de familia conhecida no municipio de Campo Grande, hoje Augusto Severo. Recebido festivamente pelos seus amigos e companheiros da Loja Maçonica «24 de Junho», desta Cidade, expôz o enthusiasmo que empolgava o povo cearense em pról da raça infeliz. Na noite de 24 de dezembro de 1882, realizou essa

officina uma sessão magna destinada a alforriar, seguindo o exemplo da sua co-irmã de Fortaleza, as escravas HERCULANA, pertencente á viuva de Irineu Soter Caio Wanderley, e LUZIA, da firma Cavalcanti Irmãos.

Dahi, partiu a iniciativa da aggremação de esforços para a redempção da Cidade e do municipio.

Para conseguir esse alevantado desideratum, Romualdo promoveu a fundação da «Liberadora Mossoróense», no sobrado que era ele Romualdo [1] e no dia 6 de janeiro de 1883, sob a sua presidencia provisoria, e, uma vez constituida a associação, sob os applausos dos melhores elementos da localidade, foi eleita, por aclamação, a directoria definitiva, com JOAQUIM BEZERKA DA COSTA MENDES, presidente, Romualdo Lopes Galvão, vice-presidente, Frederico de Carvalho, 1º secretario, Manoel Cyrillo dos Santos, 2º secretario, Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, orador, Francisco Romão Filgueira, Miguel Faustino do Monte, Alexandre Soares do Couto, Francisco Gurgel de Oliveira, Joaquim de Oliveira Torres, José Paulino de Campos Oliveira, Clemente Lopes Galvão, Durval Fiuza, Aristoteles Alcebiades Wanderley, Conrado Mayer, suíço e outros, que se mostraram logo fervorosos adeptos da causa abolicionista.

Na mesma sessão inaugural, foram entregues duas cartas de liberdade á MARIA e THEREZA, alforriadas por dois dos promotores da grandiosa idéa: Romualdo e Gurgel. (Dr. Paulo Leitão, «Ultimas quedas», pag. 6).

VII—A Libertadora, entrou, sem demora, em grande actividade: por todos os sectores da

1)—Onde é actualmente a casa Sebastião Gurgel.

Cidade e do municipio os abolicionistas faziam sentir a acção redemptora. Nenhum esforço era poupado; todos os meios seriam legitimamente para attingir os fins.

De Recife, Alexandre de Souza Nogueira, mossorôense illustre, que ali pertencia á «Sociedade Libertadora», conseguira enviar a importancia do saldo dos cofres sociaes, em beneficio da libertação dos escravos daqui. Miguel Faustino e Romualdo communicaram-se, a respeito, e o seu enthusiasmo, que tocava ás raias de quase delirio, levou-os a celebrarem um «PACTO DE HONRA», segundo o qual, para libertar Mossoró, «nenhum sacrificio seria medido». Si preciso fosse, elles dois pactuantes, que representavam fortes firmas commerciaes de outras provincias, arrebentariam os seus representados, contanto que Mossoró ficasse livre, a 30 de setembro de 1883».

Ouvi essa narração do saudoso Romualdo e agora, confirma-a, em todos os seus termos, o abolicionista convicto, que é Miguel Faustino.

Levado ao conhecimento da «Libertadora»; o pacto foi acceito tambem pelos consocios, sob o compromisso de trabalharem todos para o seu exito, «como um só homem».

A campanha absorvia todos os bons espiritos: aos representantes da justiça local, ao r. Alcebiades Dracon de Albuquerque Lima, juiz de direito, ao dr. Paulo Leitão, juiz municipal, que deveriam pairar em esphera mais alta e isenta das paixões, o movimento apaixonou de tal fórma, que o primeiro, em sessão da Libertadora, propôz que se riscasse da comarca o «triste epitheto» de «escravo», o que foi enthusiasmicamente acceito e realizado, não só para reduzir o numero de escravos restantes no municipio, como para todo e qualquer que aqui

visse procurar amparo, fosse qual fosse a sua procedencia e situação.

Em diferentes étapas, foi-se concretizando o idéal libertario. Os grandes dias de festa nacional, ou as datas queridas á Cidade e as familias eram solennizados com sessões magnas da Libertadora, para alforriar captivos.

Era uma paixão indómita e irreprimivel.

A 13 de maio de 1883, (que admiravel previsão!) «12 escravos eram arrancados das garras do poder senhorial, com a simples tenaz da logica» (dr. Paulo Leitão, op. cit., pag. 6).

A 11 de junho seguinte, houve nova assemblea de libertação, celebrando a data magna da nossa Marinha de Guerra, que é a batalha de Riachuelo.

Dentro de pouco tempo, a Cidade estava livre de escravos e nova sessão magna solennizava a faustosa conquista liberal.

O trabalho visava declarar integralmente livres o municipio e a comarca de Mossoró, até o dia 30 de setembro de 1883.

Entretanto, o governo nacional, sob a chefia do gabinete Lafayette, reagia, ainda que platonicamente, contra a acção dos libertadores. Aqui veio estacionar uma campanha de linha do 3º batalhão do Recife, ao mando do tenente Mello Castro, com o fim de assegurar aos donos de escravos os seus direitos de propriedade...

E o interessante é que os proprios defensores legais da nefanda instituição confraternizavam com os abolicionistas e não viam nada do que se passava...

A lucta branca em pról dos negros continuava.

Esponaneamente, concederam-se cartas de alforria a escravos: os cidadãos Capitão An-

tonio Filgueira Secundes, á Luiza e á sua filha Rosaria e a Benedicto, Alexandre Soares Couto, a *Rafael*, que uma vez livre adoptou o nome de Rafael Mossoroense da Gloria. Outros tambem alforriaram escravos, sem nenhuma indemnizaçãõ.

VIII—A campanha redemptora obteve no seio do proprio elemento negro um apoio e uma cooperaçãõ de subido valor: «O Club dos SPÁRTACUS», fundado sob as visitas da Libertadora, na presidencia do ex-escravo Rafael, prestou inolvidaveis serviços á Liberdade.

Secretariava o Club o ex-senhor de escravos Alexandre Soares do Couto. Elle era constituido pelos antigos escravos daqui e dalhures, especialmente pelas levas de *abacaxis* que eram remettidos de Recife, por João Ramos, João Klapp e Dr. José Mariano Carneiro da Cunha, directores do celebrado «Club do Cupim».

«Abacaxi» era a senha de escravo, na gyrã dos libertadores...

Formados e armados por modos ao seu alcance, eis que os SPÁRCTUS entravam em accãõ para libertar escravos das unhas dos *capitães do matto*, que a esse tempo exploravam profissionalmente a captura de negros fugidos, a soldo dos respectivos patrões.

Elles andavam, noites altas, prescrutando, pelas ruas e casas, os pontos, onde poderia haver algum escravo escondido, assim para denunciã-os, como para prendel-os e haver boas gorgêtas...

A missãõ do CLUB DOS SPÁRTACUS era dar abrigo e amparo aos ex-escravos, que aqui aportavam por mar ou terra. Como o CLUB do CUPIM, em Recife, era o terror, o duende, o espantallo dos senhores...

Fazia-se o trabalho libertario por meio da

tonio Filgueira Secundes, á Luiza e á sua filha Rosaria e a Benedicto, Alexandre Soares Couto, a *Rafael*, que uma vez livre adoptou o nome de Rafael Mossoroense da Gloria. Outros tambem alforriaram escravos, sem nenhuma indemnização.

VIII—A campanha redemptora obteve no seio do proprio elemento negro um apoio e uma cooperação de subido valor: «O Club dos SPÁRTACUS», fundado sob as visitas da Libertadora, na presidencia do ex-escravo Rafael, prestou inolvidaveis serviços á Liberdade.

Secretariava o Club o ex-senhor de escravos Alexandre Soares do Couto. Elle era constituido pelos antigos escravos daqui e dalhures, especialmente pelas levas de *abacaxis* que eram remetidos de Recife, por João Ramos, João Klapp e Dr. José Mariano Carneiro da Cunha, directores do celebrado «Club do Cupim».

«Abacaxi» era a senha de escravo, na gyrria dos libertadores...

Formados e armados por modos ao seu alcance, eis que os SPÁRCTUS entravam em acção para libertar escravos das unhas dos *capitães do matto*, que a esse tempo exploravam, profissionalmente a captura de negros fugidos, a soldo dos respectivos patrões.

Elles andavam, noites altas, prescrutando, pelas ruas e casas, os pontos, onde poderia haver algum escravo escondido, assim para denunciá-los, como para prendel-os e haver bôas gorgêtas...

A missão do CLUB DOS SPÁRTACUS era dar abrigo e amparo aos ex-escravos, que aqui aportavam por mar ou terra. Como o CLUB do CUPIM, em Recife, era o terror, o duende, o espantalho dos senhores...

Fazia-se o trabalho libertario por meio da

Barcaça «APODY», de propriedade de Alexandre de Souza Nogueira e Euzebio Beltrão, este apodyense e aquelle mossoroense, ambos negociantes em Recife.

Cada vez que João Klapp telegraphava:

—«Seguiram tantos *abacaxis*...»

ordens eram dadas a Urbano da Costa Pinheiro, agente de barcaças em Areia Branca, para receber a carga curiosa e transportal-a para cá.

E lá ia a turma libertadora, ao porto de Santo Antonio, a seis kilometros daqui, receber os ex-escravos vindos de Recife e conduzil-os á sede do Club, onde Rafael os hospedava e e accommodava, pelas ruas, só por elles habitadas.

Por seu turno, encaminhava a libertadora para o Ceará as turmas de escravos fugidos que conseguia recolher. Elles eram mandados por terra, em grupo de treis ou quatro. Mas, algumas vezes, foram retomados, nas alturas da Serra de Mossoró, pelos «capitães de matto» que os recambiavam a seus donos. Resolveu-se então organizar grupos mais numerosos de 20 e 30 escravos, que a Libertadora ia “impôr” até ao alto do Cemiterio, com banda de musica e outras demonstrações de alegria, fazendo-os acompanhar de uma guarda forte dos SPARTACUS, que não eram inexpteros na arte do crime...

Cessáram as retomadas. Logo que chegavam a territorio cearense, João Cordeiro telegraphava: «Chegaram... tantos *abacaxis*...» Era a prova de que haviam chegado em paz e a salvo dos «capitães de matto».

IX—Os meios utilizados pela Libertadora para a consecução de seus fins eram licitos, o que não excluia a possibilidade de outros serem adoptados, conforme as circumstancias o exigissem.

A expontaneidade de alguns senhores, a compra, mediante accordo para a indemnização, pelos cofres sociaes, e o deposito, segundo as leis em vigor na epoca, eram os meios commumente usados.

Os escravos, alforriados a peso de dinheiro, variavam de preço entre 300\$ e 250\$, conforme as suas condições, idade e robustez physica.

Foram libertados mais de 50 escravos em Mossoró; mas, não pude precisar o numero exacto.

As causas, que retardaram o desfecho da campanha, foram a resistencia dos donos de escravos moradores no interior do municipio: Chafariz, Upanema e São Sebastião, e a demora da vinda do Dr. Almino Alvares Affonso, intrepido abolicionista compatriota, que agitava com o seu verbo inflammado e têrso as almas cearenses em prol da liberdade.

—«Aguentem que eu chegarei», dizia elle aos abolicionistas, daqui.

Afinal, veio elle. E durante varios dias em accordo de vistas com os abolicionistas e a Libertadora, preparou as figuras e as coisas para o dia memoravel.

X—Um dos casos mais curiosos da campanha occorreu aqui mesmo na cidade:—chegára aqui, em busca de uma escrava fugitiva, o capitão do matto, Lacerda, vindo de Piancó. *Estevam e Merencia* estavam, de facto, homisiados em casa do preto José, já liberto, no sitio do Nogueira. Conseguindo retomal-os, conduziu-os para a cidade e prendeu-os, á noite, em um armazem, com o fito de «ajustar as contas», no dia seguinte, pela manhã.

Avisado do plano o Club dos Spártacus, logo ás 5 horas, partiu elle da sua Republica, ou quartel, fardado e bem armado. Postára-se

em frente ao armazem, onde estavam detidos os referidos escravos e, depois da solicitação ponderada, intimou Lacerda a deixar ir-se em paz os dois infelizes, que se achavam algemados.

Abriu elle de sopetão as portas do armazem: a scena empolgou a massa popular, que já ali se formára. Havia tumulto, ameaças e tentativas de tomada á força, quando intervieram os directores da «Libertadora», que conseguiram conter a onda de indignação, appellando para os meios legais. Foi requerido e feito, dentro de minutos, o deposito dos escravos alludidos, que dali sahiram *MERENCIA*, pelo braço, de Romão Filgueira, e *Estevam*, pelo de Durval Fiuza. E o bravio capitão, embolsado da indemnização, partiu no dia seguinte, com a sua tropa de dois filhos e mais seis, ou oito, *capangas...* em busca do Piancó. Mas, dizem que, da «graça» da resistencia, sempre sahira o capitão com as azas do fraque, ou do gibão, rasgadas... *Estevam Casca-grossa* ainda vive aqui, apesar de cego e paralytico.

Na praça, que hoje tem o nome de Liberdade, foi arrebatada das unhas de outro capitão de matto uma escrava pertencente á D. Josephina, respeitavel senhora residente no Martins.

De outra feita, corria ruas alóra, perseguido pelo tórvo agente do captiveiro, um escravo menor impúbere. Ao alarido da perseguição, acudiram os olhares curiosos de toda a gente. Eis que o fugitivo penétra na casa de um dos directores da «Libertadora», que m'o narrou, agora: o Cel. Miguel Faustino do Monte.

Reagiu este á perseguição; o capitão recuou da soleira da porta, com cara de féra, mas, o perseguido ficou, por milagre, escapo á sanha do capitão. E note-se que este lhe vinha no encalço, em bôa montaria; mas, a liberdade

déra azas ao escravo e a casa acolhedora foi-lhe o asylo providencial.

Calcule-se agora o que aconteceria si não fôra de um abolicionista a casa ... Que tremendo fracasso não teria resultado!?...

Numerosos são os episodios desta natureza; uns, assumindo aspecto de chalaça e acabando sempre em paz; outros, talvez, só não dejenerando em conflictos sérios, e em muito sangue, devido á prudencia dos Libertadores.

XI—Havia, porém, á surdina, a reacção dos escravocratas prejudicados com o movimento libertario.

O odio, a raiva, a vindicta, o desespero mordiam as pobres bôlsas e as consciencias dos senhores de escravos. Tratavam com tal aspreza os abolicionistas de Mossoró que só os chamavam de LADRÕES...

Certã vez, em um municipio da fronteira sul, chegava á casa de um desses escravocratas uma das figuras salientes da campanha: o capitão, possuido de féro rancor; exprobáva o facto de terem-lhe tirado á força e alforriado uma jovem escrava, que sé refugiára em casa de um libertador. Mas, dizia elle:

—«Eu tenho uma negra na corrente e espero que aqui venham os *ladrões libertadores* para tiral-a! Eu quero recebê-los na bôcca do clavinote»...

E de lá de dentro se ouvia o tilintar das correntes, que algemavam a infeliz.

Os circunstantes, que eram todos abolicionistas, e portanto, alcançados pelo epitheto odioso, comprehenderam a ameaça, que o *arrieiro* da turma repelliu, cravando com energia, dentro da *menina do olho* do senhor, a scintella de fogo da Liberdade... E elle desconversou... porque recebeu que daquillo pudesse originar-se

coisa bem desagradavel, ou um conflicto, que talvez lhe custasse a vida.

Impossivel resumir tudo quanto occorreu de grandioso e épico, durante a jornada de quase nove mezes, em 1883.

A bravura dos abolicionistas não pedia méssas a ninguém.

XII—Chegou, enfim, a termo, a campanha generosa.

30 de setembro de 1883, o dia escolhido para a declaração redemptora, era um domingo.

A cidade estava cheia de gente, vinda de varios pontos da Provincia. De Assú, Arcaia Branca, Macau, Acarape, Fortaleza e outros lugares proximos do Ceará, tinham vindo a assistir o grandioso desfecho da campanha figuras importantes que ficaram hospedadas na casa, que é hoje do venerando cel. Cyrillo Santos.

O dr. Almino Affonso andava pela cidade em febril atividade. Fazia discursos. Dizem que fez *trinta*... E a sua voz possante de Stentor reboava pelas praças e pelas ruas, como um preção celestial da Liberdade.

Ao meio dia, ha 53 annos volvidos, realizou-se a sessão magnifica para a libertação integral de Mossoró. Durou até quase á noite. Era no salão superior da Camara Municipal, onde é hoje a Cadeia Publica.

A acta monumental, redigida por Almino, é o retrato fiel do estado dalma deste nobre povo, no dia que é hoje relembrado.

Convirá relê-la para que possam apreciar-a os que me escutam? (Anexo n. 1).

Foi cantado o hino da «Libertadora», letra de Almino Afonso. (Anexo n. 2)

XVI—Não só aqui, mas por toda parte, houve manifestações calorosas de regosijo pela

victoria liberal. No Recife, a colonia riograndense festejou o facto auspicioso com festas delirantes, publicando uma polyanthéa, sob o titulo «Trinta de Setembro», na qual collaboraram entre outros, Martins Junior e Phaelante da Camara, Tobias e Zacharias Monteiro. Este exclamava :

«Mossorò é o sol do Rio Grande do Norte!

E' a princeza do commercio daquellas paragens, e é hoje tambem a princeza das Liberdades».

Thomaz Gomes, Miguel Carlos e Braz de Mello tambem collaboraram.

Bonifacio Pinto de Castro, illustre compatricio, dizia em versos memoraveis, publicados nessa polyanthéa de «30 de Setembro»:

«Enorme multidão percorre as praças,

«Ha um goso febril pela Cidade;

«E' Mossorò que sorve em aureas taças

«O sagrado licôr da Liberdade».

XVII—Realizada a aspiração suprema dos mossoróenses, foi o exemplo seguido por muitos outros municipios, entre os quaes devem ser destacados o Assú, que fundou a sua Libertadora a 13 de maio de 1883 e conseguiu declarar livre a cidade a 24 de junho de 1885. Caraúbas, Triumpho e outros municipios, cidades, villas e povoados porfiavam na lucha emancipacionista, animados por tão nobre experiencia e tão completo exito.

Não me foi possivel determinar o numero exacto de escravos libertados na campanha, cujo desfecho hoje relembramos, com tanto carinho.

Todavia, relata o insuspeito historiador patrio Tavares de Lyra (Historia do Rio Grande

do Norte, pag. 577). que «a percentagem da população escrava, na Provincia, nunca foi elevada. Pelo recenseamento de 1872 era de 13.020, num total de 233.979 habitantes e, de muito, a acção dos abolicionistas a vinha reduzindo: a ultima matricula feita mostrava que o numero de escravos existentes era de 3.716».

Nada nos informa a respeito o insigne Mestre da Historia Patria, que era Rocha Pombo, na sua «Historia do Estado do Rio Grande do Norte», publicada em 1922. Igual silencio se nota, com pesar, na obra erudita do eminente historiographo conterraneo, Tobias Monteiro, intitulada «Elaboração da Independencia, «como parte da monumental «Historia do Imperio», e editada em 1927. Por seu lado, tambem é omisso o Des. Luiz Fernandes, criterioso chronista da nossa terra.

Mais tarde, a 1.º de janeiro de 1888, foi, no Natal, fundada a «Libertadora Norte-Rio-Grandense», em cujo organ «O Boletim» se vê que, pela matricula feita em 31 de março de 1887, havia, na Provincia, 2.161 escravos, e dessa data até 15 de abril daquelle anno, nas vespersas da *Lei Aurea*, ficára reduzida a matricula de escravos a 482, que foram os unicos a aproveitar dos favores régios da Lei de 13 de maio de 1888.

XIV—Mas, para honra e maior realce da acção abnegada dos nossos maiores, é preciso recordar, neste instante de grandes consagrações, que, na data da *Lei Aurea*, já eram inteiramente livres, no Rio Grande do Norte, nove (9) municipios:—Mossorò, Caraúbas, Triunpho, São José de Mipibú, Canguaretama, Papary, Nova-Cruz, Angicos e Touros; quatro (4) cidades: Natal, Assú, Jardim e Apody; oito villas: Macahyba, Arez, Goyaninha, Santa Cruz, Pau dos Ferros, Sant'Anna do Mattos, São Miguel de Pau dos Ferros e Acary, e dezenove [19] povo-

ações: Utinga, Poço Limpo, Igreja Nova, Pirangy, S.º Gonçalo, Guanduba, Piáu, Manga-beira, Canna-brava, Extremoz, Patú, Brejinho, Tibau, Genipabú, Santo Antonio, Carapebas, Curraes Novos, Bôa-Cica e Pipa.

Fructificára o exemplo de Mossoró e de Acarape..., E a data ficou personificada e divinizada no verso ardoroso do cantor da liberdade, que era o dr. Paulo Leitão, quando exclamava, a 30 de setembro de 1884:

«Eu nasci de umas ternuras,
 Dessas auróras do Amôr!
 Habito pelas alturas
 A que chamei meu Thabor!
 —O meu nome é uma Data,
 Que deslumbra, que arrebatã,
 Qual fogo de Prometheu!
 Minha Mãe é a CARIDADE,
 Minha Esposa a LIBERDADE,
 O DIA TRINTA sou eu!»

XV—E' tempo de perorar.

Mas, antes, permitti-me recordar passagens que a escravidão provocou, em outras terras e com outras gentes.

Si aqui a causa abolicionista foi feita e venceu, pelos meios suasorios, ou pacíficos, allures custou ella caudães de sangue e rios de dinheiro.

Conta João Brigido, (*Ceará, Homens e factos*, pag. 310) que, ao tempo das sêccas de 1877-1879, «houve lances de heroismo inaudito: Escravas pediam ás senhoras que as vendessem para que não morressem de fome os senhores-moços», que as sêccas empobreceram.

Na Norte-America, porém, como fez sentir o pastor evangelico Dr. Wardlaw, onde «a liberta-

ção dos escravos custára rios de sangue», nenhum lance emocional me pareceu mais sublime do que o que nos refere o erudito Emil Ludwig, no livro monumental sobre LINCOLN (pag. 457):

Com a capitulação de Petersburg e Richmond, que eram, no Sul, o reducto da escravidão e o fóco da Guerra de Seccessão, o grande Presidente, cognominado o *Pae Abrahão*, seguíra, com os officiaes da sua casa, Tadd e Porter, a visitar a região vencida pelas tropas federaes.

O Rio, ainda obstruido de torpêdos, estava alegrado de musicas e luminárias. O navio presidencial encalhou, e os viajantes passaram a uma barcaça, dahi, pelo primeiro talúde, «puzera «o pé em terra».

Tudo era ruina e destróços. A cidade meridional alvejava ao sol naquelle dia. Trabalhavam numa escavação varios negros, dirigidos por um velho.

«Subitamente diz o biógrapho, este estremece, resguarda os olhos, com a mão, deixa cahir a enxada e exclama :

« Deus do Céu! Eis o Grande Messias! «Logo o reconheci! Ha tanto tempo, trago-lhe a «Imagem no coração e elle agora aqui vêm libertar os seus filhos do captiveiro! Alleluia!».

Ajoelhando-se, como os outros, aos pés de Lincoln, tentava beijal-os, quando, grisalho e macilento, o gigantesco branco, entre confuso e perturbado, lhes retrucou firmemente :

—«Não vos curveis perante mim! Não é justo! Só se dobra o joelho deante do Senhor! E' a Deus que deveis agradecer a liberdade que ides gosar. Eu sou apenas o instrumento! Mas, enquanto viver, não vos tornarão a pôr grilhões e tereis direitos identicos aos dos outros cidadãos!»

E Deus permittiu que nunca mais houvesse escravos em toda a America, desde 1888!

— Dizem que, em Pernambuco, após a campanha redemptora, eram encontradas, nas choupanas dos antigos escravos, effigies de Joaquim Nabuco adornadas de cravos cheirosos e fitas multicôres. A quem perguntava o que aquillo significava, respondiam elles:

«—E' São Joaquim Nabuco! O santo da minha devoção!».

Abençoados sejam, senhores, para sempre, os nomes daquelles que participaram da generosa batalha!

XVI—Gustave Le Bon, o profundo pensador francez, ha pouco desaparecido, costumava affirmar que é preciso destruir as tradições, para que se faça a civilização!

Concórdo, em parte, com o luminoso conceito do egregio publicista, mas, sómente, no que tange á rotina, ao erro, á ignorancia e aos preconceitos.

Das tradições propriamente ditas, não! porque ellas é que embellezam e engrinaldam os povos e as nacionalidades.

Mossoró deve guardar, como um relicario sagrado, as figuras aureoladas dos seus abolicionistas e as tradições gloriosas de 30 de setembro de 1883!...

Nestor Lima.

(Lido em solene comemoração a 30 de Setembro de 1936, na cidade de Mossoró).

(Anexo n. 1)

*Acta da sessão da "Liberadora Mossoróense",
em 30 de Setembro de 1883.*

Aos trinta dias do mez de Setembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de

mil oitocentos e oitenta e trez; nesta cidade de Mossoró, Provincia do Rio Grande do Norte, no Paço da Camara Municipal, ahí reunidos, pelas 12 horas da manhã, inumeros cidadãos dos seus Districtos e dos Municipios visinhos, bem como todos os da mesma cidade, convidados pela Sociedade—*Libertadora Mossoróense*, para o humanitario fim de declarar livre e emancipada esta bella porção da Terra Americana, onde já não pode medrar a planta exotica da escravidão, que envenenára, por tanto tempo, nossos valados e serranias, esterilizando e exaurindo a vitalidade e a abnegação ao patriotismo Rio-grandense: tomou assento na meza, ricamente decorada com pedras de cristal e de marmore, tinteiros dourados e azues, em que a materia é superada pela primorosa mão d'obra, e por Livros Symbolicos, nitidamente encadernados, taes como a Biblia Santa, Camões—os Luziadas, Litré, Alphonso Esquiros e o Corpus Juris; tendo em cima uma *Hasta* quebrada, e, em uma salva de prata, o anel de oiro (*annulus aureus*), que o Imperador Justiniano concedeu aos Libertos, como symbolo da Liberdade; a qual meza estava collocada no Salão de Honra, cujas paredes refulgiam e se aperolavam de todos os adornos e quadros brilhantes de sua Majestade—o Imperador, de José Bonifacio, de Eusebio de Queiroz, de Nunes Machado, de Camarão e do Rio Branco, além d'outros emblemas, que engenhára a phantasia patriotica do Povo, nobremente representado pela Comissão Directora, composta dos distinctos cavalheiros, Romualdo Lopes Galvão, José Paulino Campos d'Oliveira e Aristoteles Alcebiades Wanderley; entre o sussurro festivo e confraternal das populações convocadas para aquelle prazo—dado da gloria, vibrando no espaço os échos das musicas marciaes da cidade,

postadas, no portico do vasto Edificio, no pavimento terreo e no terraço superior, ao lado do salão, onde se reunia o Congresso, tangendo as mais electricas harmonias, tomou assento, repetimos, o Dignissimo Presidente da Sociedade *Libertadora Mossoróense*, Joaquim Bezerra da Costa Mendes, o qual, declarando brevemente o intuito daquella augusta Assembléa do Povo, convidou com gentileza ao muito Illustre Juiz de Direito da Comarca, o Dr. Alcibiades Dracon de Albuquerque Lima, para que se dignasse presidir aquella notavel Festa da Liberdade.

Assumindo a cadeira presidencial, o nobre Juiz de Direito solicitou, com expressões delicadas e cavalheirosas, o beneplacito popular, para declinar de si essa tão subida honra, que, segundo entendia, só devia caber ao conspicuo cidadão, collocado por seus pares na Presidencia da Sociedade.

Reassumindo a cadeira, o Sr. Presidente foi servido de convidar, para substituil-o, ao digno Juiz Municipal, Dr. Paulo Leitão Loureiro de Albuquerque, benemerito orador da *Libertadora*; e, dispensando-se este, rogou ainda ao inclito Presidente da Camara, Romualdo Lopes Galvão, primeiro Vice-Presidente da *Mossoróense*, que tambem declinou tão subida distincção, ficando, em fim, na Presidencia da meza o illustre Presidente da *Libertadora*.

Em seguida, convidando a tomarem assento a seu lado direito aos Srs. Dr. Juiz de Direito e Delegado de Policia, á esquerda, o Presidente da Camara, o Dr. Juiz Municipal, o Promotor Publico; e aos lados as diversas commissões das *Libertadoras* do Ceará, Pará e Pernambuco, da Assú e Villa do Triunpho; bem como a todos os Directores da *Mossoróense*; collocando-se nas bancadas fronteiras as Exmas. Sras. das princi-

paes familias, declarou aberta a sessão o Sr. Presidente indicando ao digno primeiro secretario, Frederico Antonio de Carvalho, Vice-Consul de Portugal, a dar contas das felicitações, que, porventura, se tivessem dignado de trazer á *Libertadora* de Mossoró quaesquer outras Sociedades Abolicionistas.

Immediatamente leu S. S. Officios congratulatorios da *Libertadora Cearense*, das *Cearenses Libertadoras*, da *Perseverança e Porvir*, da Sociedade *Dezenove de Outubro*, da Artística—*Fraternidade e Trabalho*, do *Reform Club*, do *Club dos Libertos*, do *Club Caixeiral*, da Sociedade—*Tuti Quanti*, da *Redemptora Aracapense*, e do *Club Abolicionista Rio Grandense do Norte*, todas do Ceará; do *Diario do Gram-Pará*, do *Club Mascatti* e da Sociedade *Vinte e oito de Setembro*, todas da Cidade de Belem; da *Libertadora Triumphense* e da *Libertadora Assuense*, do Rio Grande do Norte; da *Libertadora Norte Rio Grandense*, e da Sociedade Academica, denominada—*Caixa de Pedro Pereira*—que se fez representar por seu socio honorario, Dr. Almino Alvares Affonso, todas da Provincia de Pernambuco; os quaes Officios vão transcritos abaixo desta.

Então, proferindo o Sr. Presidente um eloquente discurso, no qual se demonstrava a sublimidade e a gloria da Emancipação, com arroubos de frenetico patriotismo, pairando deslumbrantemente, pela paixão e pelo gesto, na altura de um verdadeiro demolidor da barbaça e dos gaviões pesados dos castellos senhoriaes dos *negreiros*, proclamou, electricamente—*Livres—*a Cidade e Comarca de Mossoró, no Rio Grande do Norte!!

Romperam, de novo, as musicas; estrugiram no ar girandolas e girandolas de foguetes;

retumbaram: paimas e vivas, e os gritos freneticos da multidão electrizada!

Era um delirio de enthusiasmo, a polarisação do amor patriotico!

Feito, a custo, o silencio, levantaram-se de pé as crianças brancas e loiras e as virgens morenas mais bellas, como um bando de phaisões doirados, que, no solenne rebão, baixassem das regiões do céu, ou surgissem do ninho das auroras, cantando e gorgendo os Hymnos da Redempção e o bardito da Liberdade!

Era mavioso e adoravel aquelle virginal concerto: a Sybilla Rio Grandense, do Norte sentia, por sua vez, em seu peito apaixonar-se e arder o—*Deos in nobis*—do fogo sagrado do patriotismo.

A cada estrophe, que se repetia, a cada volata dos hymnos libertadores, soltando brados, à maneira de rugidos, a multidão bramaruivava: havia um deslumbramento no povo!

A mocidade entrava nos segredos profundos do amor de sua nacionalidade; e a velhice discreta renascia das cinzas do passado, para ajoelhar-se balbuciante de jubilo e de complacencia, diante das grandezas do presente, ébria do patriotismo de seus filhos!

Cantaram-se trez hymnos: o primeiro, uma poesia do Dr. Almino e canto de Symplicio Montezuma, o grande maestro cearense; depois, outro de João Evangelista de Medeiros, tambem cearense, residente no Mossoró, com poesia do Dr. Paulo, distincto Pernambucano; e logo, um terceiro, offerecido pelo 1.º Secretario Frederico Antonio, com musica portugueza, sendo todos freneticamente applaudidos.

O Presidente deu a palavra aos oradores inscriptos.

Fallou o Dr. Paulo Leitão, orador da Mos-

soróense; e, arrojando-se com o fogo de sua convicção, illustração e talento, encantou o auditorio!

Depois, o inclyto Libertador Dr. Alcebiades Dracon, Juiz de Direito, com a circumspecção e firmeza, que o caracterizam, entre vivos applausos, annunciou ao mundo civilisado que elle se sentia feliz, por ser o primeiro Magistrado da primeira comarca livre do Rio Grande do Norte!

Subiu logo á tribuna o Rio Grandense, Dr. Almino Alvares Affonso; e fallou, como é seu costume, quando chama por elle a Deusa da Liberdade, illuminado do incendio do enthusiasmo, com que manifesta o seu amor á Patria!

Orou, então, o cearense, duas vezes neto do Rio Grande do Norte, Dr. Francisco Pinheiro d'Almeida e Castro, que soltando os vãos da imaginação de sua idade manceba, aureolou-se de sympathias e fez transbordar de jubilo o coração do Povo!

Seguiu-se na tribuna o jovem mossoróense, Alfredo de Souza Mello, filho do Portuguez Brasileiro, José Damião de Souza Mello; e, com o rosto incendiado de sangue patriótico, arremessando-se juvenilmente sobre a consciencia e as sympathias de seu auditorio, satisfez e surpreendeu a todos!

Chegára a vez dos velhos Professores da mocidade: fallou, então, o Sr. Luiz Carlos da Costa, manifestando a sua dilecção ás ideias do progresso; e proporcionou novo prazer à Assembléa, que o escutava!

Tomou a'mão o 1.º Secretario da *Libertadora*, Frederico de Carvalho, que recitou uma poesia mimosa, recebendo multitudinários applausos!

Recitou outra linda poesia o jovem para

hybano, Lindolpho Albuquerque, saudado pelas sympathias populares!

Seguiu-se na tribuna, com soberbo enthusiasmo, um distincto moço pernambucano, Mauricio Olegario do Rego Farias, suspendendo o auditorio pelo verdadeiro sentimento, com que recitou estrophes poeticas de santo amor ao nosso Paiz!

Coube a palavra ao illustre hospede da terra mossoroense, o Dr. Wardlaw, Ministro Evangelico dos Estados Unidos.

S S., posto que não conhece bem os torneos da linguagem portugueza, discorreu, todavia, nobremente, revelando a fecundidade de seu pensamento e elevada illustração, congratulando-se com o povo d'America, pela redempção gloriosa de Mossoró!

Elle disse, que lhe dava parabens pelo modo pacifico de sua liberdade; uma vez que, sendo a sua patria o ninho classico de todas as liberdades civis, comtudo, não se conseguira, sem derramar oceanos de sangue, apagar do solo dos Estados Unidos a nodoa secular da escravidão!

Todos os bem disseram!

Cumprimentou, depois, ao heroico Municipio, como a um começo de patria livre, o distincto jovem José Gomes de Cerqueira Carvalho, fazendo, entre aclamações, votos sinceros pela libertação total da Provincia e do Imperio!

Fallou em seguida, Odilon Pinto Bandeira, festejando a Liberdade, com palavras cordiaes e arroubadas, que resumavam poesia!

Nesse momento apresentou-se um espectaculo novo: era a aurora do amor da Patria, que scintilava nos olhos negros e na fronte branca e gentil de uma menina de 9 annos!

A linda Mossoróense, Joana Emilia da Cos-

ta Mendes, filha mimosa do illustre Presidente da Festa, mostrou bem que é um rebento condigno de seu magnanimo pai, o eximio Libertador. e de sua preponderante familia cearense, sempre e em todos os tempos, libertadora!

O discurso innocente e singelo da bella creança traduzia e revelava a mais doce idealidade da filha da mulher forte!

Encantou e arrancou palmas e lagrimas!

Fallou como um anjo!

Dulcior est pulchro si venit in corpore virtus!

Muitos outros oradores inscriptos apresentaram seus discursos, pedindo venia, para não recital-os, em vista da hora adiantada, que era.

Foram elles os dignos Libertadores Francisco Gurgel de Oliveira, Ricardo Vieira do Couto, Capitão Antonio Filgueira Secundes, Francisco Romão Filgueira, Salvador Braulio Monnegro e Asterio de Souza Pinto, por si e por seu condigno irmão, Dr. Francisco das Chagas de Souza Pinto, actual secretario da Relação da Cidade de Fortaleza.

Apresentaram tambem seus discursos a Exma. Sra. D. Maria Filgueira Secundes e as lidas jovens Justa Nogueira da Costa e Francisca Soares do Couto.

Terminados os discursos, tocaram, por fim, as musicas arrebatadoras peças marciaes de seu repertorio; e, congratulando-se com todos os convivas da Liberdade, pela felicidade e gloria deste dia, encerrou o dignissimo presidente esta sessão immortal, entre a pocema patriotica das multidões reunidas, retirando-se todos alegres para suas casas.

E para constar em todo o tempo, mandou lavrar a presenta Acta, escripta pelo Pernambucano Mauricio Olegario do Rego Farias, no

impedimento momentaneo do 1.º Secretario, dictada pelo Dr. Almino Alvares Affonso, por ordem do mesmo Presidente; a qual vai assignada por toda a Mesa, pelos Commissarios das Sociedades e por todos os cidadãos presentes, que o quizerem fazer.—Eu, Mauricio Olegario do Rego Farias, a escrevi».

(Anexo n. 2)

HYMNO DA
«LIBERTADORA MOSSOROENSE»

Letra do Dr. ALMINO AFONSO.
Muzica de PEDRO GOUES (Ceará);

*Rompe o sol, estas varzeas se aloiram,
Brinca o vento na flor das cocais,
Rugem ondas que as veigas anilam,
Falam Deuses em sons immortaes.*

CÔRO

*Vamos! Breve! que a gloria nos chama.
Nem corceis, nem espadas de herois:
Nossa gloria é de luz, de harmonia,
Nossa gloria é formada de sóes!...*

*Do «Nordeste», de Setembro de 1932.
N. 406.—(Mossoró)*

COLEÇÃO JOÃO NICODEMOS DE LIMA

1. ÉCRAN NATALENSE
Anchieta Fernandes (esgotado)
2. POETAS DO RIO GRANDE DO NORTE
Ezequiel Wanderley (esgotado)
3. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
Coleção (esgotado)
4. A "CACIMBA DO PADRE" EM FERNANDO
DE NORONHA
Luis da C. Cascudo (esgotado)
5. NATAL DAQUI A CINQUENTA ANOS
Manoel Dantas (esgotado)
6. A HISTÓRIA DE ESTREMOZ
Ir. A. Maria Dionice da Silva (esgotado)
7. A IMPRENSA PERIÓDICA NO RIO GRANDE
DO NORTE
Luiz Fernandes
8. GUIA DOS SEBOS DE NATAL & TEXTOS
AFINS
Abimael Silva
9. EVOCAÇÃO DE NATAL
Djalma Maranhão (esgotado)
10. CASCUDO, MESTRE DO FOLCLORE
BRASILEIRO
Djalma Maranhão
11. CAICÓ
Pe. Eymard L'E. Monteiro
12. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
Coleção II
13. CIDADE DO NATAL
Luiz da Câmara Cascudo
14. ACORDES DA ALVORADA
Salete Fernandes Tavares
15. ALMANAK DE MACAU/ 1909
Adalberto Amorim
16. CACHORRO MAGRO
Carlos de Souza
17. COSTUMES LOCAIS
Eloy de Souza
18. OS AMERICANOS EM NATAL
Lenine Pinto
19. MEMORIAL DO MEU VELHO ASSU
Maria do Perpétuo Socorro Wanderley de
Castro
20. CARTAS DE DRUMMOND A ZILA MAMEDE
Org. Graça Aquino
21. ANOTAÇÕES DO MEU CADERNO
Ticiano Duarte
22. IGREJA E POLÍTICA NO RN
Org. Ilza Araújo Leão de Andrade
23. JASMINS DO SOBRADINHO
Org. Roberto da Silva
24. MEMÓRIA QUASE LÍRICAS DE UM EX-
VENDEDOR DE CAVACOCINÉS
Inácio Magalhães de Sena
25. O MITO DA FUNDAÇÃO DE NATAL E A
CONSTRUÇÃO DA CIDADE MODERNA
SEGUNDO MANOEL DANTAS
Pedro de Lima
26. VIVA A VERVE! - História de humor e devaneios
Armando Negreiros
27. ITACIRICA, A PEDRA QUE PENSAVA
Waldson Pinheiro
28. A ÚLTIMA CEIA - Por uma Diet(ética) Polifônica
Vera Lúcia Pinto
29. DA FIDELIDADE E DO RISCO - Um estudo de
caso: Djalma Maranhão
Moacir de Góes
30. COM AS MÃOS DO CORAÇÃO
Padre Fábio
31. LITERATURA FEMININA DO RIO GRANDE
DO NORTE
Diva Maria Cunha P. de Macêdo
Constância Lima Duarte
32. NATAL ATRAVÉS DO TEMPO
Carlos Lyra
33. O FOGO DA PEDREIRA
Orlando Rodrigues
34. A MAÇONARIA DO RIO GRANDE DO NORTE
Emídio Fagundes
João Estevam
Josué Silva

- 35 OS TERCETOS - E UM CANTO AS VOZES DO MAR
Gilberto Avelino
- 36... E LÁ FORA SE FALAVA EM LIBERDADE
Ubirajara Macêdo
- 37 CANCER - Reflexões de um sobrevivente
Paulo Tarcísio Cavalcanti
- 38 HOMEM DE OUTR'ORA
Manoel Dantas
- 39 OS ELEMENTOS DO CAOS
Miguel Cirilo
- 40 FRUTOS DO TEMPO
Valério Mesquita
- 41 CONFIDÊNCIAS
Francisco Fernandes Marinho
- 42 YINTIMIDADES
Vera Lúcia Pinto
Raquel Almeida
- 43 A TRAMA DA ARANHA
Anchella Monte
- 44 A REFORMA POLÍTICA DO BRASIL E OUTROS ENSAIOS
Homero de Oliveira Costa
- 45 A CANÇÃO E O ABSURDO REVISITADOS
João Batista de M. Neto
- 46 NATAL ATRAVÉS DO TEMPO II
Carlos Lyra
- 47 CAMINHADA SE FAZ AO CAMINHAR COM LIBERDADE
Hélio Xavier de Vasconcelos
- 48 DESCOORDENADAS CARTESIANAS - Em Três Ensaios de Quase Filosofia
Pablo Capistrano
- 49 TIGRESCRITURA
Alessandre de Lia
- 50 PAPO JERIMUM - Dicionário rimado de termos populares
Cleudo Freire
- 51 PASSOS DA MINHA VIDA (Memórias)
Leopoldina Marinho da Costa
- 52 MINHAS OITENTAS PRIMAVERAS
Maria Segunda Marinho
- 53 A COLEÇÃO JOSÉ GONÇALVES
Org. Lenine Pinto
- 54 ODONTOLOGIA. OFÍCIO E LITERATURA
Lenilson Carvalho
55. EU CONHECI SESYOM
Francisco Amorim
56. RETRETA POÉTICA
Manuel de Azevedo
57. SESENTA POEMAS DE AMOR E UMA ESTÓRIA
Carlos Newton Pinto
- 58 DORMÊNCIA
Lisbeth Lima de Oliveira
- 59 NAVIO ENTRE ESPADAS
Horácio Paiva
- 60 SALVADOS - LIVROS E AUTORES NORTE-RIO GRANDENSES
Manoel Onofre Jr.
61. TESTEMUNHOS
Carlos Roberto de Miranda Gomes - Organizador
- 62 A FALSA SIMETRIA
Vicente Vitoriano
- 63 FAMÍLIAS SERIDOENSES
José Augusto
- 64 ESTUDOS PERNANBUCANOS
Alfredo de Carvalho
- 65 A FIGURA DE DON JUAN NA TRADIÇÃO
Otto Rank
Trad. Aurélio Pinheiro
- 66 SUPERSTIÇÕES DE SÃO JOÃO
Veríssimo de Mêlo
67. PEIDO, O TRAQUE... PUM (O VALOR QUE O PEIDO TEM)
Celso da Silveira
José de Souza
- 68 O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ (QUADRINHOS)
Emanoel Amaral
Alcide Sales

69. 69 POEMAS DE CHICO DOIDO DE CAICÓ
Moacy Cirne
Nei Leandro de Castro
70. ESTADOS DO VERSO
Cid Augusto
71. UMA CÂMARA VÊ CASCUDO
Carlos Lyra
72. OS DANTAS CORREIA E OS RIBEIRO
DANTAS
Paulo M. Assis Brazil
73. NOMES DA TERRA
Luiz da Câmara Cascudo
74. LUIS, TOUJOURS LUI - Cartas de Câmara
Cascudo e Bernard Alléguede
Roberto da Silva
75. EX-LIBRIS DE FALVES
Falves Silva
76. O LIVRO DAS VELHAS FIGURAS -
Volume VII
77. BANDO - Nº 9/10 - 1959 - Edição Especial
Euclides da Cunha
Raimundo Nonato
Hélio Galvão
Manoel Rodrigues de Melo
Veríssimo de Melo
Luis Patriota
João Alve de Melo
78. FULÔ DO MATO
Renato Caldas
79. PADRE JOÃO MARIA
Januário Cicco
80. CARTAS PARA FAUSTA - Renato Caldas
Org.: Ivan Pinheiro e Gilvan Lopes
81. FULÔ DO MATO - INÉDITO - 1937
Renato Caldas
82. O POETAS DAS MELODIAS SELVAGENS
Renato Caldas
83. BODAS DE OURO DA ORDENAÇÃO
SACERDOTAL DO MONSENHOR ONÓRIO
DA SILVEIRA
84. HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE
Marlene da Silva Matriz
Luiz Eduardo Brandão Suassuna
85. POR UM HUMANISMO INTEGRAL
Claudio Emerenciano
86. GÊNESES NATALENSE
Olavo de Medeiros Filho
87. DE CADA PORO UM POEMA
Antoniél Campos
88. DOTÔ, CASA COMIGO?
Ruben G. Nunes
89. SER PARDAL
Gilmar Amorim
90. HUMOR COM GOSTO DE SAL
Getúlio Teixeira
91. FALO
Paulo Augusto
92. DEPOIMENTO DO ACADÊMICO MURILO
MELO FILHO
Murilo Melo Filho
93. NUNCA MATEI NINGUÉM
Carlos Lyra
94. NATAL QUE EU VI
Lauro Pinto
95. MEMÓRIA VIVA - LAURO PINTO
Carlos Lyra
96. APOSTASIA
Mário César Rasec
97. DISCURSO DE ELOGIO AO PATRONO DA
CADEIRA Nº 34 - Dr. EZEQUIEL
EPAMINONDAS DA FONSECA FILHOS
PELO ACADÊMICO FERNANDO
EZEQUIEL FONSECA
98. O MEL DO BENQUERÊ
Francois Silvestre
99. DAS TERRAS DE UMARIZAL
Maria de Lourdes Costa do Nascimento
100. CONTISTAS POTIGUARES
Org. Manoel Onofre Jr.
101. EU E NATAL
Abimaél Silva
102. A CIDADE E O TRAMPOLIM
João Wilson Mendes Melo
103. PEQUENA ANTOLOGIA DO HUMOR
NATALENSE
Veríssimo de Melo

104. DICIONÁRIO JURÍDICO EM RIMAS LIVRES
Ana Heloisa Rodrigues Maux
105. PERSONAGENS SERRANEGRENSES
Pery Lamartine
106. POTENGI - FLUXOS DO RIO SALGADO
NO SÉCULO XIX
Wagner do Nascimento Rodrigues
107. UM GENTLEMAN DO SERTÃO
Manoel Onofre Jr.
108. O SERTÃO DE NUNCA MAIS
Oswaldo Lamartine de Farias
Vicente Serejo
109. AVIALACTEA - 1914
Palmira Wanderley
Carolina Wanderley
110. PROF. AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA
Vitória dos Santos Costa
111. CINEMA, CINEMA - OS FILMES DOS MEUS
SONHOS
Moacyr Cirne
112. CANTIGAS DE UM BARDO SERRANO
Manoel Azevedo
113. QUEM BRINCA EM SERVIÇO - TEXTOS DE
HUMOR
José de Castro
114. PEDAÇOS DA VIDA
Uraquitan Lopes de Souza
115. POEMA
Antônio José Marinho
116. MEDITAÇÕES POÉTICAS - TEXTOS
DIVERSOS
Jorge Oliveira de Almeida
117. JEANS AVARIADO
Antonio Ronaldo
118. CINZAS AO AMANHECER - POEMAS -
TEXTOS
Benê Chaves
119. VERSOS SACÂNICOS
José Pedrosa
120. ACONTECIMENTOS DE UM INTERNATO
José Augusto Ribeiro
121. LIVRO DE ADVINHAÇÕES
Pe. Eymard L'E. Monteiro
122. JORNALZINHO DO SEBO VERMELHO
Coleção 01 - 54
123. CARNAVAIS E OUTROS POEMAS
Janduhi
124. ANTÔNIO MARTINS, TERRA DA BOA
ESPERANÇA
Chagas Cristóvão
125. COMO SE HYGIENIZARIA NATAL
Dr. Januário Cicco
126. O CANGULEIRO
Coleção 01 - 06
127. OMBUDSMAN MOSSOROENSE
David Leite
128. LUZES, SOMBRAS E MAGIAS
Moacyr Cirne
129. ROMANCE DA CIDADE DO NATAL
Ney Leandro de Castro
130. AUGUSTO SEVERO - UM PIONEIRO NA
CONQUISTA DO ESPAÇO
Pesq. Fernando Hippolyto da Costa
131. SEM PAISAGEM - MEMÓRIAS DA PRISÃO
Moacyr de Góes
132. A FILHA DO TEMPO
Moacyr de Góes
133. UMARIZAL - SÍNTESE HISTÓRICA E
BIOGRÁFICA
Manoel Onofre Jr.
134. CINE LEMBRANÇAS
Berilo Wanderley
135. CÂMARA CASCUDO EM PORTUGAL E
"I CONGRESSO LUSO - BRASILEIRO DE
FOLCLORE"
Francisco Fernandes Marinho
136. ALGUMAS ABELHAS DOS SERTÕES DO
SERIDO
(Notas de carregação)
Oswaldo Lamartine de Faria
Hypérides Lamartine
137. PRELIMINARES À DESCENTRALIZAÇÃO
ADMINISTRATIVA
Garibaldi Tinóco

138. BAIXA - VERDE - FATOS, "CAUSOS" E COISAS
Aldo Torquato
Francisco Fernandes Marinho
139. A INVENÇÃO DE CAICÓ
Moacy Cirne
140. CAICÓ CEM ANOS ATRÁS
Olavo de Medeiros Filho
141. DIÁRIO NÁUTICO
Gilberto Avelino
142. RESSONÂNCIA
Sônia Maria Fernandes Ferreira
143. O SEGREDO DE HERVAL E OUTROS CONTOS
Carlos Lins Onofre
144. COISAS DE MIM...
Graziela Costa Fonseca
145. JUAZEIRO E O PADRE CÍCERO - DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA
Dr. Floro Bartolomeu
146. ALUÍZIO ALVES: Populismo e modernização no Rio Grande do Norte
Sergio Luiz Bezerra Trindade
147. ESQUINA DA TAVARES DE LIRA COM A DR. BARATA
Cláudio Galvão
148. FELICE
Lisbeth Lima de Oliveira
149. FLÔRES DO SERIDÓ - RETRATO POÉTICO DE CILIM
Austregécilio Cruz
150. GLOSA GLOSARUM
Celso da Siveira
151. ASAS E VÔO - POEMAS
Francisco de Assis Câmara
152. MEMÓRIAS PROVINCIANAS
Valério Mesquita
153. MANOEL ONOFRE JÚNIOR - 40 anos de Vida Literária - 1964/2004
Francisco Fernandes Marinho
154. FLAMA SERENA - Cartas de Luis da Câmara Cascudo a João Lyra Filho
Org. Roberto da Silva
155. SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE
Sérgio Luiz Bezerra Trindade
José Geraldo de Albuquerque
156. OS FRANCESES NO RIO GRANDE DO NORTE
Bernard Alêguède
Org. Roberto da Silva
157. BIBLIOTECAS VIVAS DO RIO GRANDE DO NORTE
Livio Oliveira
158. LUZES, SOMBRAS E MAGIAS
Moacy Cirne
159. HISTÓRIAS FATOS E FOTOS
José de Anchieta Ferreira
160. TELHACRUA
Livio Oliveira
161. MARTINS A CIDADE E A SERRA
Manoel Onofre Jr.
162. HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE - 2ª Edição revisada
Marlene da Silva Mariz
Luis Eduardo B. Suassuna
163. MOTO MENTAL
Oto Maia
164. A PENÚLTIMA VERSÃO DO SERIDÓ
Uma história do regionalismo seridoense
Murakitan K. de Macêdo
165. A ESCRITA DOS QUADRINHOS
Moacy Cirne
166. OS REVOLTOSOS EM SÃO MIGUEL (1926)
Raimundo Nonato
167. A VIDA EM CLAVE DE DÓ - 2ª edição revista e ampliada
Zenaide Almeida Costa
168. OS AMERICANOS EM NATAL
Lenine Pinto
169. DA INCRIMINAÇÃO DO ABORTO E O SEU JULGAMENTO PELO JUIZ SINGULAR
Francisco de Assis Brasil Queiroz e Silva
170. DE VOLTA AO CASTELO DE GRAAL
Osório Almeida de Oliveira

171. CORONÉIS DO SERIDÓ
Pery Lamartine
172. PAPO JERIMUM - Dicionário rimado de temas populares - 2ª edição
Cleudo Freire
173. ALMANAQUE DO BALAIO
Moacy Cirne
174. TEMAS ROUBADOS
Anchella Monte
175. O CAÇADOR DE JANDAÍRAS
Manoel Onofre Jr.
176. POETAS AZUIS, PAIXÕES VERMELHA, AMORES AMARELOS
Jóis Alberto
177. DE CASCUDO PARA OSWALDO
Oswaldo Lamartine de Faria
178. GERAÇÃO DOS MAUS
José Humberto Dutra
179. A HISTÓRIA DE UM CRIME HEDIONDO
José Helmut Cândido
180. SALDADES DO MEU MÉDICO
Joana Darc Wanderley
181. POEMAS DEVASSOS E UMA CANÇÃO DE AMOR
Nathália de Souza
182. EXÍLIO DAS PALAVRAS
Ivan Maciel de Andrade
183. CONFIDÊNCIAS
Francisco Fernandes Marinho
184. SILÊNCIO, MAR A POESIA DE ZILA MAMEDE NOS ANOS 50
Alexandre Alves
185. NOTURNO DE TOUROS
Nilson Patnota
186. O CARTEIRO DE CASCUDINHO
José Helmut Cândido
187. TEMPORADA DE INGENÍOS E OUTROS
João Batista de Moraes Neto
188. NATAL DE ONTEM
P. de A. Pessoa de Melo
189. GARRAFAS DE AREIA DE TIBAU
Veríssimo de Melo
190. LAMPIÃO NA FAZENDA VENEZA
Raul Fernandes
191. ULTIMATOS DE LAMPIÃO E RESPOSTAS DE RODOLFO FERNANDES
Raul Fernandes
192. MEMÓRIAS DE UM EX-PRESIDENTE
Humberto Pignataro
193. CÂMARA CASCUDO
José Luiz Silva
194. OS BRUTOS
José Bezerra Gomes
195. SIMPLISMENTE HUMANO
Manoel Onofre Jr.
196. A REVOLUÇÃO DE 30 EM SERRA NEGRA
R. Nonato
197. O ATAQUE DE LAMPIÃO A MOSSORÓ
Através do romanceiro popular
Veríssimo de Melo
198. LORIVAL LUCENA
Nilo Lorival Ferreira
199. TROVAS, GLOSAS E OUTROS VERSOS
Nilo Lourival Ferreira
200. AS 14 MAIS DA POESIA POTIGUAR
Org. Abimal Silva
201. É TUDO FOGO DE PALHA
Carlos de Souza
202. CARTA DA SECA
Targino Pereira
203. APONTAMENTOS SOBRE A FACADE DE PONTA
Oswaldo Lamartine de Faria
204. VELHOS COSTUMES DO MEU SERTÃO
Juvenal Lamartine de Faria
205. GARIMPANDO A LUZ
Jansen Leiros
206. VIDA POTIGUAR
Polycarpo Feitosa
207. O GIGANTE LUIZ TAVARES
Veríssimo de Melo
208. Écran NATALENSE
Anchieta Fernandes
209. POEMAS INAUGURAIS
Moacy Cirne

210. NATA L 100 ANOS PASSADOS
Verissimo de Melo
211. ITAJUBÁ ESQUECIDO
Nilson Patriota
212. REVENDO FERREIRA ITAJUBA
João Batista de Moraes Neto
213. PENA MÍNIMA
Livio Oliveira
214. JANELA TEMPORÁ
Vital Nogueira
215. NOSSA CIDADE NATAL - Crônicas Seleção de
Textos, Revisão de Originais e Títulos das
Crônicas
Nei Leandro de Castro
216. UM INTÉRPRETE DOS TAPUIOS
Alfredo de Carvalho
217. CAETANO DANTAS CORREIA
e o Sitio Ingá
Desembargador SILVINO BEZERRA
218. SÁTIRAS E IPIGRAMAS DE ZÉ AREIA
Verissimo de Melo
219. QUINZE MINUTOS DE PROSA E CINCO DE
POESIA
Enco Amorim das Virgens
220. V I V E R
Carlos de Farias Barreto
221. UM REPORTER A MODA ANTIGA
Josué Maranhão Filho
222. O CORPO DE CRISTO & Os Apócrifos da
Serpente
Mário C. Resec
223. NATAL CLUB E SUA PRIMEIRA DÉCADA
Moysés Soares
224. PORTÃO DE EMBARQUE
Manoel Onofre Jr.
225. ATITUDE PARDAL
Gilmar Amorim
226. HOMÊNS E FATOS DO SERIDÓ
ANTIGO
Dom José Adelino Dantas
227. A CINEMATECA IMAGINÁRIA
AS OBRAS-PRIMAS DE TODAS AS PAIXÕES
Moacy Cirne
228. THÁLASSA
Francisco Ivan
229. BANDO
Raimundo Nonato
Hélio Galvão
Manoel Rodrigues de Melo
Verissimo de Melo
Luís Patriota
João Alves de Melo
230. O MUNICÍPIO DE ASSÚ
Dr. P. Amorim
231. DENOMINAÇÃO DOS MUNICÍPIOS
(Rio Grande do Norte)
Manoel Dantas
231. SAINT EXUPÉRY
Na América do Sul
Pery Lamartine
232. O SEMEADOR DE ALEGRIA
Diógenes da Cunha Lima
233. AS ALÇAS DE AGAVE
Françóis Silvestre de Alencar
234. PROJETO ZERO
Bosco Lopes
235. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO RIO
GRANDE DO NORTE
Sérgio Luiz Bezerra Trindade
236. CLAMBOM
Ubirajara Macedo
Pedro William Cavalcanti
237. MOISÉS SESYOM PELAS LENTES DO LUAL
Lula Lual Coruja
238. O EMPALHADOR DE PALAVRAS
Bianor Paulino da Costa
239. O RIO GRANDE DO NORTE NA GUERRA
DO PARAGUAI
Adauro Miranda Raposo da Câmara
240. UM ESPELHO EM CONSTRUÇÃO
Diego Souza de Paiva
241. TRADIÇÕES E GLÓRIA DE MOSSORÓ
Nestor Lima

Vejam o que escreveu o Conde de Afonso Celso, testemunha ocular da majestosa cena do dia 13/05/1888, que considerou o maior espetáculo de sua vida: "Milhares de pessoas invadiram o Paço. Literalmente rodeada pela multidão, a Princesa, aflita e chorosa, em virtude das más notícias da saúde do Imperador, mal se podia mover. No momento em que empunhava a pena para a assinatura, fez-se religioso silêncio. Depois uma explosão de bravos, aplausos, aclamações delirantes nunca vistas. Inimigos de véspera abraçavam-se reconciliados. José do Patrocínio, fora de si, atirou-se aos pés da Princesa, quis beijá-los, pronunciando de joelhos comoventíssimas palavras. Nabuco abriu caminho até uma janela e dali, com sua voz poderosa, anunciou ao povo, que se atulhava no lugar, onde hoje se vê a estatua de Osório, estendendo-se em mó compacta, desde a rua direita, até o 'ponto das barcas'. Indescrevíveis as manifestações de regozijo que se sucederam! Nunca houve nem tão cedo haverá demonstrações de entusiasmo assim!"

Essa reedição fac-similar é um achado literário e uma pequena história de Mossoró, de 1824 a 1936.

Nestor dos Santos Lima nasceu no Assu, em 01/08/1887. Educador, jurista e historiador, foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte durante 32 anos, de 1927 a 1959. Publicou mais de vinte livros e plaquetes, dentre os quais: A Matriz de Natal (1909), Municípios do Rio Grande do Norte (1937) e Ruas de Natal (1946), três clássicos da história do RN. Faleceu dia 19/02/1959. Nestor Lima é um grande historiador esquecido.

*Não sei si é ousadia, ou si é temeridade, vir de
tão longe, perante uma assistencia assim tão
distincta e selecta, falar a Mossoró de suas
tradições e da sua glória.*

Nestor Lima

A propósito do dia 30 de setembro de 1883.



Sebo Vermelho
edições